

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Molha de São Paulo Class.: 17

Data 29 de agosto de 1985 Pg.: _____

'Avaeté', bons sentimentos e pouco brilho

SÉRGIO AUGUSTO
Repórter da Sucursal do Rio

O melhor de "Avaeté - Semente da Vingança" são as suas extremidades: um prólogo e um desfecho de impacto, com sangue aos borbotões. No prólogo, o massacre de uma tribo de índios, inspirado na destruição de uma aldeia dos Cintas Largas, em Mato Grosso, em meados de 1963. Nele é plantada a semente da vingança que irá germinar no epílogo, quando Avá (Macsuara Cadiweu), o único sobrevivente de sua tribo, impõe uma represália de saemurais aos chacinadores e seu mandante (um bem relacionado latifundiário paulista interpretado por Jayme del Cueto). Em matéria de violência, a sequência do massacre supera amplamente a da vingança. Não podia ser de outro jeito, por motivos óbvios, mas não faltou quem julgasse dispensável, porque excessiva, a tomada na qual uma índia, depois de depenurada pelas pernas como um porco, é literalmente rachada ao meio com um facão. Por saber que seu filme se dirigia não só ao coração mas também ao estômago da platéia, o diretor Zelito Viana decidiu mantê-la.

Ao coração "Avaeté" fala a maior parte do tempo. Não há como deixar de aderir à sua incondicional solidariedade aos índios. Mas também ao visar o coração Zelito peca por excesso, extravasando sua admiração pelo nosso "bon sauvage" até as fronteiras do mais cândido idealismo. E tome exaltação. O experiente padre Bruno (Jonas Bloch) talvez não se atrevesse a imitar, com o resultado previsível, o assovio avicular de Avá se não estivesse diante de uma câmara ávida por registrar qualquer manifestação de superioridade do índio sobre o branco — inclusive no plano da religião e da coragem. Avá, por exemplo, não teme a morte. Padre Bruno não só a teme como admite que em seu convívio com Avá aprendeu muito mais do que ensinou. Não se refere somente às lições de tupi que o índio lhe deu, mas também a difusos

atributos que permitem ao herói do filme acreditar que "o branco usa muita palavra e sabe menos".

Para que sublinhar com tamanha insistência a superioridade natural do índio sobre o branco? Falta de confiança na superioridade moral da sua luta? Complacência com o sentimentalismo maniqueísta próprio dos agit-props? Com tanta conversa em cena decerto havia espaço para se estimar o real alcance dessa superioridade e questioná-la à luz do que com os índios fazem certos brancos que usam poucas palavras e muitas balas. Talvez por aí chegássemos a uma discussão sobre a relatividade dos conceitos de bárbaro e civilizado, forte e fraco, mais profunda e conseqüente. Mais trabalhosa, porém.

A realização não prima pelo brilho; antes se caracteriza pelo uso desmedido de cortes e tomadas em cenas que mereciam ser menos fragmentadas e pela indulgência com que pelo menos duas vezes (quando Ramiro, o personagem de Hugo Carvana, incendia o avião dos bandidos e quando por estes, mais tarde, é raptado de uma delegacia de Mato Grosso) usa a rebarbativa musak que Egberto Gismonti compôs para os climaxes dramáticos.

Mais afinado com as emoções espontâneas do documentário, Zelito Viana elabora as suas com alguma dificuldade. Conduzido por mãos mais íntimas dos segredos da cineficção, o reencontro de Ramiro com Avá, no manicômio, teria outra temperatura emocional. Mais bem sucedida, nessa chave, é a sequência em que Clara (Renata Sorrah) e Avá levam Ramiro até a praia de Santos. A dança indígena a beira-mar, puxada por Ramiro, só lhe enriquece o "pathos", infelizmente afogado a seguir pelas ondas do previsível: a morte do personagem.

A culpa maior, no caso, é do roteiro, assinado por Zelito e José Joffily, o calcanhar de Aquiles do filme. Um de seus principais alicerces, Clara, a repórter de televisão

(cômoda via de acesso ao cinema de denúncia), tem as bases de barro. A matriz da personagem — Jane Fonda de "Síndrome da China" — já rendeu os estereótipos de indignação e intrepidez a que tinha direito. Renata Sorrah a encarna como paródia involuntária. Permanentemente tensa e aflita, ela até nos faz crer que já sabia da história do massacre da tribo de Avá quando este se defronta pela primeira vez, na casa do padre



Avá (Macsuara Cadiweu) e Ramiro (Hugo Carvana) em 'Avaeté': procurando vingança e tentando mostrar a superioridade dos índios sobre os brancos

Bruno. Logo, porém, descobrimos que o espanto em seu rosto, ao encarar Avá, não passara de uma tendência da atriz à superinterpretação.

A medida que se aproxima de seu desfecho, "Avaeté" revigora suas energias. Engenhosa e discreta a montagem paralela com os dois make-ups bélicos: de um lado, o guerreiro da vingança (Avá); do

outro, a guerreira da denúncia (Clara), preparando-se para os seus respectivos ajustes de contas. Se inspirado assim todo o tempo, "Avaeté" poderia ter resultado no grande filme que muita gente — até gente russa (o filme ganhou uma medalha de prata no recente Festival de Moscou e acaba de ser lançado em centenas de cinemas soviéticos) — acredita ter visto e estar vendo. Com um nó na garganta, um aperto no

coração e a consciência latejando de culpa por tudo aquilo que os de sua raça fizeram e fazem com os únicos filhos legítimos do Brasil.

AVAETÉ - SEMENTE DA VINGANÇA - Filme de Zelito Viana. Com Hugo Carvana, Renata Sorrah, Jonas Bloch, José Dumont, Macsuara Cadiweu. A partir de hoje em São Paulo, nos cines Belas Artes/ Sala Oscar Niemeyer, Top Cine e Ipiranga 2.